

A revolução na literatura portuguesa

Margareth M. J. A. Rosignoli
Universidade de São Paulo

“Chegou a hora de repensar nossa identidade, noutro contexto”.

Teolinda Gersão

A Revolução dos Cravos em Portugal, 25 de abril de 1974, serve como um marco divisor da vida do povo português e de sua literatura: antes, a liberdade cerceada pela rígida ditadura salazarista; e, logo depois, a liberdade conquistada e os extravasamentos vitais, que numa convulsão, reação normal após anos de repressão, não têm clareza de rumo e, ainda, nenhum projeto a reordenar as forças livres desencadeadas.

Grandes mudanças geram sentimentos diversos e contraditórios. A Revolução de 25 de abril não foi diferente. Trouxe a euforia inicial advinda do sentimento de libertação e, logo a seguir, a perplexidade de perceber-se a fragilidade do povo frente a uma ditadura impopular. O testemunho de historiadores e literatos que presenciaram e sentiram na pele as agruras e delícias de um novo renascer é, sem dúvida, o melhor texto da História que se desnuda aos leitores.

Sobre a marcha dos acontecimentos que culminaram na revolução há um relato interessante de Vitor Silva Tavares¹ que vale a transcrição:

Os Cravos que floresceram na madrugada de 25 de Abril de 1974 foram semeados ao longo de toda a longa noite escura imposta pelo fascismo ao povo português. (...) Se os capitães forneceram a espoleta, a carga explosiva, essa, residiu na determinação de todo um povo humilhado e ofendido por 48 anos de pesadelo histórico, no sentido de conquista a sua própria autonomia.

¹ TAVARES, 1975, p. 67-70.

Queda do regime nascido em 1926. Sem necessidade de se dar um tiro, caso único na História da revolução moderna, o povo salta para a rua e a festa. Passada, porém a natural euforia, restituídas algumas liberdades fundamentais começa a evidenciar-se que a abertura política patenteada poderia permitir, até pela generosidade idealista e pela indefinição conceptual não a Revolução democrática e socialista pretendida pela maioria esclarecida do povo português, mas a manutenção no poder das classes burguesas ciosas de seus privilégios.

O fascismo deixou o País num estado de extrema debilidade económica, social, cultural; a grande burguesia não desarma com duas cantigas e tudo faz para sabotar a edificação de um socialismo (...)

O analfabetismo e a sub-alfabetização não ajuda nada à aprendizagem da Democracia, à definição e prática corretas da indispensável revolução cultural.

Os cravos de 25 de Abril foram muito belos cravos líricos. Trata-se agora de semear todos os dias muito belos cravos revolucionários. Até não haver em campo uma só erva daninha.

Os sentidos do cravo, flor símbolo da revolução pacífica de Portugal, são assim definidos por Maria Velho da Costa:² “flor sublinhada, macha, única flor de serrilha e hirsuta; e, cravo especiaria flor tão compacta de mínima, pequeno sol negro e arisco sobre a palma da mão que tempera e costura a olho, a mão de portuguesa, finória, tonta, mana”. Os dois sentidos estão reunidos, o cravo da revolução e a escrita, especiaria compacta que como tempero secundário age despercebida, mas cuja presença o paladar detecta. A revolução é apenas o passo inicial de uma virada na história. Disse Luiz Pacheco:³

Uma Revolução é tempo de mudança (radical), assim uma espécie de corrida contra relógio. E ou se atingem os alvos (a meta proposta) ou a dinâmica, a gênica inicial fracassa. (...) uma pessoa não vive apenas de política e para a política. Mas há um tempo de pausa. Tarefas prioritárias. Toda uma série de conquistas a defender ou a Revolução dá em pântanos. Tempo de mudança, tempo de pausa. Não se trava de inverter valores. Mas estes sempre tiveram uma vantagem uma vantagem circunstancial. É, convirá acentuá-lo bem, trocá-los provisoriamente por outros.

² COSTA, 1976, p. 42.

³ PACHECO, 1975, p. 37.

A Ficção Portuguesa Contemporânea

Portugal pós-revolução busca, como não poderia deixar de ser, sua identidade. A literatura como porta-estandarte das mudanças faz-se portadora de um novo discurso literário. Logo no início, nos anos 70, não se pode, ainda, falar numa nova consciência literária, porque o país encontra-se atordoado sob o impacto da imensa mudança política. A simultaneidade da escrita com os fatos desencadeados no calor revolucionário traduz-se na impossibilidade de assimilação, por parte do escritor, das reais mudanças sociais, culturais e individuais. Fato esse reconhecido pelas mentes intelectuais que produziam nesse contexto. A escritora Teolinda Gersão expõe⁴ sua visão dos acontecimentos da época:

Nos momentos de grandes convulsões, as pessoas não têm tempo nem disponibilidade para escrever, e não é logo a seguir que encontram uma coisa e outra. Sobretudo, quando as experiências por que passam são apaixonantes e as mudanças que acontecem profundas. Só depois é que se entra num período em que é possível criar, quando há já uma certa distância em relação ao passado. Acho que há grandes diferenças, penso que se poderia falar de um período antes e outro depois da Revolução. Mesmo autores já com larga obra publicada, estilo e personalidade muito afirmada, antes da Revolução, entram numa nova fase depois. Sem deixarem, naturalmente, de ser eles próprios, mas abrindo-se a novas dimensões.

Texto e contexto se completam nesse apelo mútuo e no trabalho de reconstrução lutam por um objetivo comum: identidade. Teolinda dá o seguinte depoimento:⁵

Portugal foi durante muito tempo um país isolado, por circunstâncias políticas e geográficas. Mas hoje o isolamento quebrou-se, sentimos que fazemos parte da Europa e do mundo e daí advém um novo impulso criativo. Chegou a hora de repensar nossa identidade, noutra contexto Sem mais o regime autoritário para driblar, a literatura busca na linguagem a sua forma de liberdade, “vagar pelo idioma, espaço herdado.

⁴ GOMES, 1993, p.159,160.

⁵ MEDINA, 1983, p. 454.

A abertura política inova mas carrega os estigmas de anos de ditadura. Combater os efeitos de anos de repressão é um trabalho lento, envolve um desfazer de marcos: de silêncio, de repressão, de nulidade. O processo de reconstrução não pode e não deve renegar todo o passado sob pena de perder o norte. Literatura e história interligam-se desde o passado para formar o futuro.

Nesse contexto, o romance contemporâneo tem como característica a fragmentação da estrutura narrativa, que corresponde a uma visão caótica do real; esta, ao se transformar em ficção, perde sua objetividade, surge então a ambigüidade. Aliado à narrativa, o tempo transforma-se de tal forma que passado, presente e futuro fundem-se. Não se pode mais falar de um único tempo, perde-se a estagnação artificial de medi-lo, pois na vida nada ocorre numa fração congelada de tempo; em um único instante várias coisas, pessoas, objetos estão simultaneamente acontecendo. No mundo altamente tecnológico em que milhões de informações estão sendo centradas em *bits* e as palavras de ordem são precisão e velocidade, o indivíduo, sob tal ritmo, fragmenta-se, torna-se violento, mas, que segundo Nelly Coelho⁶ “a partir de sua conscientização, encarando o mistério de sua condição, exige uma resposta para o caos.”

A personagem, fruto dessa narrativa em ebulição, é apresentada de forma descaracterizada pela imprecisão de elementos descritivos ou a não nomeação individualizante. Se nomeados, seus nomes aparecem carregados de conotação simbólica, importante para a compreensão temática da narrativa. Até os aparentes diálogos são, no fundo, longos monólogos, fluxo verbal caótico, que bem refletem a desestrutura do Ser fragmentado no tempo e no espaço.

Outro aspecto dessa produção escrita é a experimentação de recursos inéditos, tendo em vista uma determinada intuição metafísica inerente ao estilo e aos recursos usados. A literatura lança mão desde o automatismo surrealista e a exploração planejada de uma análise combinatória previamente aplicada às estruturas morfológicas e sintáticas, até ao radicalismo formal da poesia concretista.

A Literatura Portuguesa dá demonstrações inequívocas de uma cultura de resistência. E, tecendo silenciosamente, cria uma arte própria que desnuda preconceitos e esperanças fracassadas.

⁶ COELHO, 1993, p.25.

A escritora Maria Velho da Costa descreve todo o processo revolucionário da Literatura em cinco textos. No primeiro, escrito em 1983, sob o título *Manifesto do escritor em linguagem fácil para uma campanha difícil*, aponta mudanças da relação autor/obra/público. Inicialmente a função do escritor era vista como contar por escrito, alinhando as palavras, dando-lhes sentido, mas sob a estrutura ditatorial do caetanismo, a guerra colonial aliada às heranças culturais do salazarismo, existe um entrave ao dar-se sentido. Em consequência, há uma “alta mortalidade infantil de escritores”, a escola os faz calar, ensinando-lhes regras de bem escrever sem apontar-lhes as palavras de liberdade.

O texto *Exortação à entrada do poeta em Abril*, de 1974, aponta um momento singular em que a cidade chama os poetas, querendo envolvê-los, fazê-los sair de “o que vai ser de mim” para “o que vai ser de nós”. Assim, os leitores leriam a si próprios no texto.

Em *Subsídios para restauração do corpo da língua*, 1975, focaliza-se a dialética entre o dizer e o experimentar formas para dizer decorrente da relação do escritor e a linguagem. Do corpo da língua sai um código rígido para os que querem tornar o presente em uma simples cristalização. Mas desse mesmo corpo da língua saem palavras subversivas, dando à linguagem força de arma de confronto.

O último artigo da série dos cinco escrito por Maria Velho da Costa, 1976, tem o título *Litania do pronome perdido ou os sapatos do peixe*, nele a autora aponta o reducionismo, a situação de Portugal após a eclosão da revolução. Visto que a revolução popular não se efetiva com a Revolução dos Cravos, essa não percebe a relação escritor/leitor, em vista disso perde-se o *nós* e há um enclausuramento progressivo do escritor ao seu antigo reduto, conforme Costa diz nesse artigo: “Tu ainda não hás, nem eu, nem nós jamais”.

Envolvida nos problemas político-sociais de Portugal, em ebulição pós-revolução, a produção romanesca portuguesa adota o caminho da crítica ao contexto histórico ou fecha-se em sua própria trama, criando uma ficção hermética deixando o leitor laico de fora.

Ao tomar o caminho da problemática histórica, o romance coloca-se como um subversor do sistema, criando uma ficção da realidade. Surgem, assim, os diversos aspectos da história como denúncia do peso da tradição que mantém Portugal sob o jugo de um passado retrógrado. Em seus mais diversos segmentos: político, familiar e/ou religioso, a tirania de um sistema repressor continua fazendo vítimas.

A exploração do homem pelo homem busca manter o privilégio da casta dominante. A família tradicional mantém uma atmosfera sufocante transformando pessoas em objetos. O resultado é funesto: alienação, fragmentação das relações humanas.

Até mesmo o sistema educacional alimenta esta distorção conforme já mencionado no quarto texto de Maria Velho da Costa. Confirmando este absurdo, Teolinda Gersão⁷ em sua obra *Paisagem com mulher e mar ao fundo* comenta este assunto nestas palavras: “educar era isso, gravar no espírito, desde a infância. Ai ficariam as palavras para sempre, e um dia, não seria mais possível apagá-las (...) é o poder opressivo das frases feitas”

Nesse contexto a opressão da mulher aparece em várias produções literárias, este é um aspecto revolucionário da produção literária do pós-revolução, quer escrita por autores masculinos, quer femininos. Teolinda Gersão, escritora portuguesa contemporânea, aponta o universo masculino como o senhor do poder, determinando as funções homem/mulher. Em suas obras a mulher surge como força emergente, buscando modos de se libertar. A mulher vive na inconsciência de si, submetendo-se ao outro até entrar em crise e daí sair em busca de liberdade. Uma visão pertinente a autores capazes de perceber e apontar o mundo, sem as amarras do sistema autoritário que os cerceava antes da revolução de 1974.

Alguns autores irão mais além em sua revolução, a escritora Teolinda Gersão, por exemplo, não se limita a perceber o processo de dominação como estritamente masculino. Em uma entrevista a Álvaro C. Gomes, ela diz:⁸ “os homens são castradores das mulheres quando se identificam com o sistema. Isso acontece algumas vezes – mas também acontece o contrário, muitos homens lutam contra o sistema”.

Sobre a revolução na literatura portuguesa pode-se considerar, também, aspectos formais, como na obra *O cavalo de sol*, conforme análise feita em uma dissertação de mestrado,⁹ sobre a autora Teolinda Gersão, que apresenta uma narrativa fragmentada, não-linear, suas passagens são apresentadas como um jogo de *puzzle*. Tal procedimento revoluciona até a passividade do leitor que se vê na contingência de relacionar as partes. O leitor perspicaz é capaz de ir juntando as partes espalhadas que, unidas,

⁷ GERSÃO, 1985, p. 86.

⁸ GOMES, 1993, p. 163.

⁹ ROSIGNOLI, 2001.

dão conta de uma montagem tão inteira como a progressiva construção da personagem Vitória e a desintegração lenta da personagem masculina, Jerônimo. *O Cavalo de Sol* revela-se, acima de tudo, uma obra sintonizada à revolução de nossos tempos, na qual homens e mulheres buscam se auto-identificar em meio ao labirinto humano de anônimos. Um romance que aponta o processo caótico da busca de identidade e ao formular uma saída para sua personagem, a autora possibilita ao leitor reconhecer uma das possíveis saídas do labirinto. O epílogo do romance sugere que a verdadeira ditadura é a que cada um de nós carrega dentro de si. Este avanço só foi possível graças às mudanças ocorridas no sistema político-social.

A linguagem, também, serve como reflexo da fragmentação das personagens. A pontuação, ou melhor, a falta da pontuação gramaticalmente aceita, continua reafirmando a idéia que em seu conjunto revela uma coerência e consistência capazes de apontar novos rumos.

A obra romanesca da escritora portuguesa contemporânea, Teolinda Gersão, renova a linguagem, o ritmo da fala, o prazer das coisas cotidianas ligadas ao ritmo poético que torna a palavra mais maleável, sugestiva. Faz uso de frases elípticas, verbo no infinitivo, reticências, vírgulas que produzem ressonâncias musicais. A subversão é vista no plano do conteúdo com as diferentes formas de modelos estabelecidos e persiste, também, no plano da expressão.

No entanto, da observação à estrutura subjacente percebe-se a densidade do romance *O Cavalo de Sol* como uma¹⁰ “rede de sentimentos que é complicada e contraditória”. O romance denuncia, sem panfletismo, expõe a estagnação de um sistema arcaico e repressivo. Indo mais além, a autora apresenta uma forma de subversão da tradição.

A proposta literária é audaciosa, como toda literatura consciente busca ser, a ficção pretende apontar a vida em seus diversos rumos, sem se deixar amordçar ou se influenciar por sistemas políticos, religiosos ou pseudomoralistas. Não se quer dizer com isso que nessa literatura se ache toda a resposta que o ser humano busca sobre si e o mundo em que se insere. Afinal vivemos a era da incerteza, época em que conhecemos as perguntas, mas ainda não temos as respostas. Porém, a inquietação vivida, sentida e até a lida por nós, é positiva; encaminha-nos a possibilidades que, uma vez testadas, são recusadas ou incorporadas como uma provável saída de um impasse.

¹⁰ GERSÃO, entrevista a Álvaro C. Gomes, p. 160.

A revolução dos cravos apontou e deu margem a novos rumos à sociedade portuguesa. A literatura contemporânea busca seguir em frente. Diversos escritores em suas variadas trajetórias deixam fluir novas influências, o que nos proporciona uma literatura dinâmica, inovadora e agradável.

Referências Bibliográficas

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.

COSTA, Maria Velho da. *Cravo*. Lisboa: Moraes Editores, 1976.

GERSÃO, Teolinda. *O cavalo de sol*. Lisboa: Dom Quixote, 1989

GERSÃO, Teolinda. Paisagem com mulher ao fundo. 3. ed. *O Jornal*, 1985.

GOMES, Álvaro Cardoso. *A voz itinerante*. São Paulo: Edusp, 1993.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Viagem à Literatura Portuguesa Contemporânea*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1983. p. 454.

PACHECO, Luiz. *Democracia e cultura*. Lisboa: Boletim das Bibliotecas Itinerantes Fundação Gulbenkian, 1975.

ROSIGNOLI, Margareth. M. J. A. *Na fruição do corpo a descoberta da identidade*. 2001. Dissertação (Mestrado) - USP, São Paulo.

TAVARES, Vitor Silva. *Do cravo ao lírio revolucionário*. Lisboa: Boletim das Bibliotecas Itinerantes Fundação Gulbenkian, 1975.

Resumo

A história contemporânea de Portugal tem sua marca na Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974. A literatura portuguesa que ainda se escreve e que presenciou toda a efervescência do momento relata sua emoção e limitação por estar no meio dos acontecimentos. Hoje, trinta anos depois, encontramos uma literatura eclética. Conteúdo e forma foram modificados, os escritores sabem que seus leitores não idealizam, mas procuram na ficção uma identidade em busca de resposta ao caos, que inove e se assuma, da forma que lhe for possível, no mundo real em que vivem.

Résumé

L'histoire contemporaine du Portugal est marquée par la "Révolution des oeillets", le 25 avril 1974. Étant présente aux événements et à l'effervescence du moment révolutionnaire, la littérature portugaise, a raconté son émotion et sa limitation, et elle le fait encore. Aujourd'hui, trente ans après, nous rencontrons une littérature éclectique. Le contenu et la forme ont été changés. Les écrivains savent que leurs lecteurs n' idéalisent pas, mais qu'ils s'efforcent de trouver dans la fiction une identité, qui va à la recherche de la réponse pour le chaos, qui innove et qui s'assume, de la façon qui lui soit possible dans le monde réel où ils vivent.